



Filiado à CUT/FENAJUFE

# Sindjus

Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário  
e do Ministério Público da União no DF

Impresso  
Especial

1000014810-DR/BSB  
Sindjus-DF

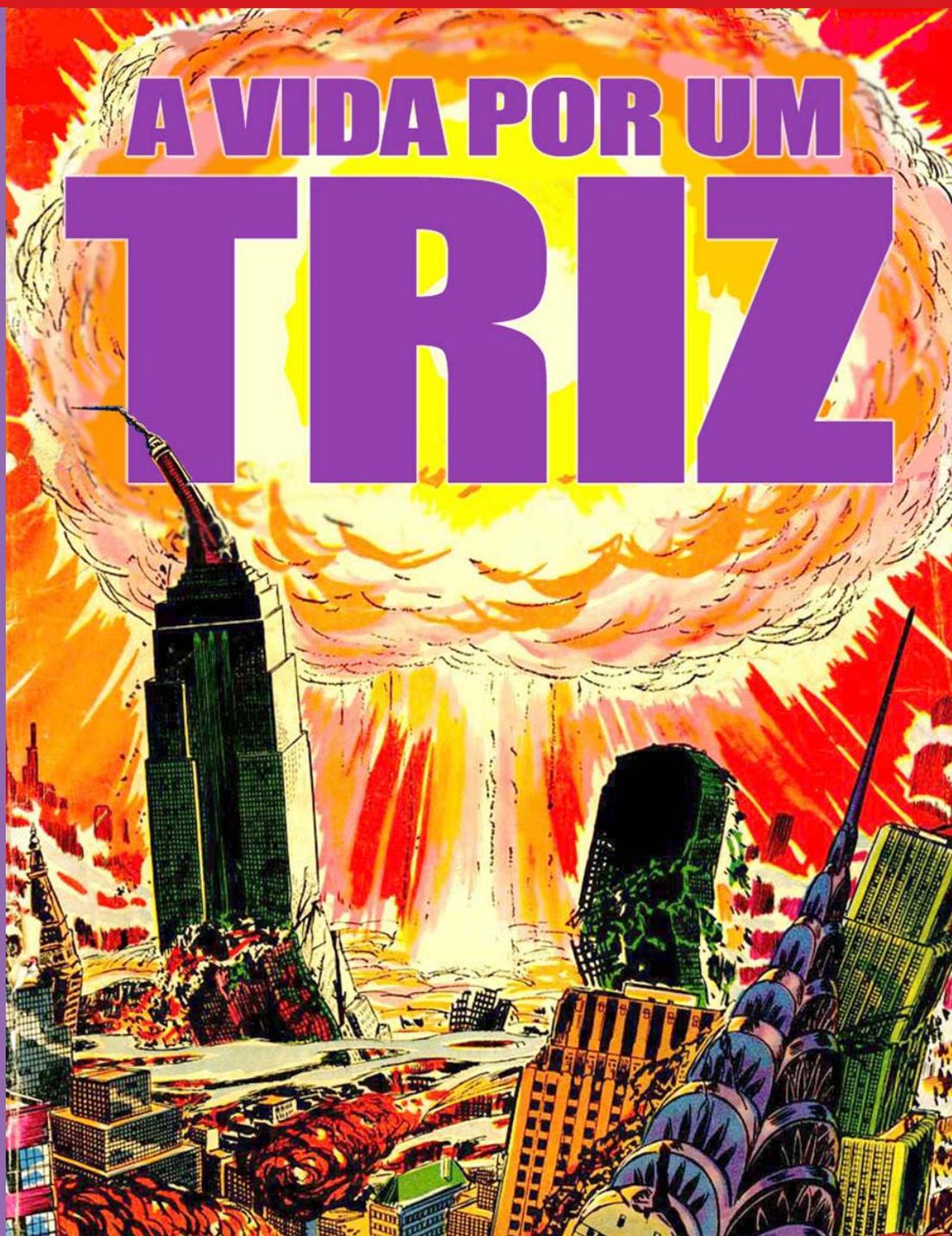
CORREIOS

Ano XVIII - nº 72  
Abril de 2011

## Brasília atrás das

*Cercas e reformas  
irregulares ameaçam o  
direito de ir e vir e o  
projeto do Plano Piloto.  
Apesar do tombamento,  
moradores insistem  
em desrespeitar a lei*

# grades



Vai que um dia você acorda e não tem mais país. O Estado garante que tudo está sob controle. Tudo não vai mudar porque tudo sempre foi assim. A supremacia tecnológica vende a soberba da "absoluta segurança". O alto poder econômico rende discursos de "maxeficiência" sob TODAS as condições. Mas a vida não segue roteiros traçados em gabinetes. Nem segue planejamentos "infalíveis". Se a coisa pode virar, um dia vira. A onda de choque repercute além dos graus de tremores. O Japão passa por esta virada, na marra, em que a gente precisa parar e rever: "afinal, o que realmente importa na vida?"

Longe de ser só metafísica barata, o choque cultural pode abalar mais que o pesadelo nuclear das usinas que derretem. A crise de confiança nos senhores da "verdade absoluta" inicia um longo e doloroso período de revisão crítica. Serve para o Japão em seu martírio e para o mundo na expectativa do "crescimento a qualquer custo". Não há bônus sem ônus. A vida revida. Pior que o tremor, o tsunami e a arrogância do "tudo está sob controle" é essa relação de um Estado do deus mercado, patriarcal, que narcotiza a sociedade em consumo, entretenimento e submissão. Até que a coisa vira...



HELIO ROCHA\*

Este trabalho (*Planeta Catedral*) pertence à série *Planetas*. "Várias fotografias formam uma panorâmica e são transformadas para chegar à forma esférica", explica Helio. "Essas imagens fechadas em si mesmas falam sobre os circuitos que criamos na vida; são um convite a olhar nossos pequenos mundos de forma diferente."

\*Professor da Escola de Música de Brasília, fotografa desde a década de 1980. Realizou diversas exposições individuais e coletivas, entre as quais se destacam *Photographers: Network* (2006 – Siegel/Alemanha, curadoria de Thomas Kellner); *Brasília Céu Aberto* (1º lugar no concurso, categoria Cultura, GDF, 2008); e *Olhar as subculturas* (Brasil/Portugal, 2009).



[www.sindjusdf.org.br](http://www.sindjusdf.org.br)

Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário e do MPU no DF  
SDS, Ed. Venâncio V, s. 108 a 114, Brasília-DF, 70393-900 • (61) 3212-2613

**Coordenadores-Gerais**

Ana Paula Barbosa Cusinato  
Berilo José Leão Neto  
Clede de Oliveira Vieira

**Coordenadores de  
Administração e Finanças**

Jailton Manguiera Assis  
José Oliveira Silva  
Raimundo Nonato da Silva

**Coordenadores de Assuntos  
Jurídicos e Trabalhistas**

Antônio José Oliveira Silva

Marília Guedes de Albuquerque  
Newton José Cunha Brum

**Coordenadores de Formação  
e Relações Sindicais**

Eliane do Socorro Alves da Silva  
José Joventino Pereira de Sousa  
Sheila Tinoco Oliveira Fonseca

**Coordenadores de  
Comunicação, Cultura e Lazer**

Maria Angélica Portela  
Orlando Noleto  
Valdir Nunes Ferreira

CAPA: FOTO DE USHA VELASCO



**Coordenação editorial:**

Cynthia Borges

**Edição:**

Usha Velasco (DRT-DF 954/99)

**Reportagem:**

Deniza Gurgel  
Thais Assunção

**Colaboradores:**

TT Catalão  
José Geraldo de Sousa Junior  
Yuri Matsumoto Macedo  
André Luis Macedo

**Revisão:** Ana Paula Barbosa Cusinato

**Projeto gráfico e arte:** Usha Velasco

**Tiragem:** 15.000 exemplares

**Contato comercial:** Julliane Dourado  
Fones: (61) 8485-9959 - (61) 3037-9761

# Justiça poética



ARTHUR MONTEIRO

**José Geraldo de Sousa Junior**

Reitor da Universidade de Brasília, professor da Faculdade de Direito e coordenador do projeto *O Direito Achado na Rua*

**Esperava-se que o novo ministro viesse se juntar à estirpe de juízes que soube exercitar a compreensão plena do ato de julgar, rejeitando a falsa oposição entre o político e o jurídico, ao entendimento de que, para se realizar, "a justiça não deve encontrar o empecilho da lei"**

O pró-labore de José Geraldo para este artigo é doado mensalmente à campanha de voluntariado *Eu Doo Talento* (veja em [www.sindjusdf.org.br](http://www.sindjusdf.org.br))

O título acima não apela, o que poderia parecer à primeira vista, a uma busca de relação entre a justiça e a literatura, para por em relevo a inclinação de magistrados para o uso da linguagem artística. Não que isso deixe de ocorrer ou que se rejeite o pendor estético quando se trata de desenvolver o discurso jurídico.

No plano epistemológico, a propósito, tem sido estimulante a vertente que trabalha a interlocução interdisciplinar e complexa para acentuar o diálogo entre saberes, demonstrando que o conhecimento não se realiza por uma única racionalidade, mas, ao contrário, pela integração entre diferentes modos de conhecer que nos habilitem a discernir o sentido e significado da existência e a elaborar sínteses interpretativas que, além de nos permitir compreender o mundo, contribuam para transformá-lo.

**Trata-se, como acentua** Roberto Lyra Filho, de operar padrões de esclarecimento, recusando o monólogo da razão causal explicativa, para se abrir a outras possibilidades de conhecimento: o fazer, da atitude técnica; o explicar e compreender, da atitude científica; o fundamentar, da atitude filosófica; o intuir e mostrar, da atitude artística; o divertir-se, da atitude lúdica; o revelar, da atitude mística.

Tem razão Eduardo Lourenço, não só em sustentar a unidade da poesia fernandiana, mas em suscitar a totalidade que abarca os seus aparentes fragmentos heterônimos, para indicar que nesse processo o problema central continua a ser o do conhecimento. Para Lourenço (*Tempo e Melancolia* em Fernando Pessoa, publicado na edição brasileira do livro *O Mito da Saudade*, Companhia das Letras), os avatares de Pessoa "representam uma tentativa desesperada de se instalar na realidade".

**Marx não havia ainda** analisado a estrutura econômica para explicar a formação da mais-valia, com *O Capital*, e bem antes o Padre Vieira, artisticamente, a exibiu tal como está no Sermão XIV do Rosário: "Eles mandam e vós servis; eles dormem, e vós velais; eles descansam, e vós trabalhai; eles gozam o fruto do vosso trabalho, e o que vós colheis deles é um trabalho sobre outro. Não há trabalhos mais doces que o de vossas oficinas; mas toda essa doçura para quem é? Sois como as abelhas, de quem disse o poeta: *'sic vos non vobis melificatis apes'* (assim como vós, mas não para vós, fabricais o mel abelhas)."

No plano das habilidades, que é o que remete mais imediatamente à constituição de perfis profissionais, a alusão a uma justiça poética quer mais designar a

categoria subjetividade como própria ao afazer do jurista para interpretar criativamente e com imaginação as relações do homem com o mundo e com o outro. É com esse sentido que Martha Nussbaun fala em poesia e imaginação (*Justicia Poética. La Imaginación Literaria y La Vida Publica*, Editorial Andrés Bello), ou seja, para caracterizá-las como "ingrediente indispensável ao pensamento público, com condição de criar hábitos mentais que contribuam para a efetivação da igualdade social".

Aplicadas aos juízes, essas categorias traduzem as expectativas de mediação humanística entre visão de mundo e consciência social, de modo a traduzir aquela exigência funcional destacada por Bistra Apostolova (*Perfil e Habilidades do Jurista: razão e sensibilidade*, *Notícia do Direito Brasileiro*, nº 5, Faculdade de Direito da UnB): "a habilidade de ver o outro como diferente e saber colocar-se no lugar dele, e desse modo desenvolver a capacidade de imaginar e de compreender, essencial na formação do bacharel".

**Essas questões são levantadas** no momento em que se apresenta à sociedade o ministro Luiz Fux, mais novo integrante da Corte Suprema do país, descrevendo o seu próprio perfil e traçando o que deve ser o modelo de juiz (Nós, os juízes, Folha de S. Paulo, 3/3/11): "Cumprir ao juiz combater o farisaísmo, desmascarar a impostura, proteger os que padecem e reclamar a herança dos deserdados pela pátria, sem esquecer de que, diante da injustiça da lei, não de prevaler a beleza, a caridade e a poesia humanas."

Esperava-se, diante da promessa contida nessas palavras, que o novo ministro viesse se juntar àquela estirpe de juízes que, no Supremo Tribunal Federal – Victor Nunes Leal e Evandro Lins e Silva – soube exercitar a compreensão plena do ato de julgar, rejeitando a falsa oposição entre o político e o jurídico, ao entendimento de que, para se realizar, "a justiça não deve encontrar o empecilho da lei".

**Provedores de uma justiça poética** é essa estirpe de juízes que, lembra Josaphat Marinho em discurso de homenagem a Victor Nunes Leal na UnB, citando Aliomar Baleeiro, leva a jurisprudência do Supremo a andar pelas ruas porque, "quando anda pelas ruas, colhe melhor a vida nos seus contrastes e se prolonga pela clarividência da observação reduzida a aresto". Sua primeira decisão, entretanto, desconforme ao sentido de realização de valores propugnados pelo sujeito constitucional – o próprio povo –, aponta para um adiamento dessa expectativa.



“Cantos de sereia” na Câmara dos Deputados: governo se esforça para desmobilizar a nossa categoria

AO LEITOR

# Só para protelar



CARLOS ALVES

**Berilo Leão**  
Coordenador-geral  
do Sindjus

As manobras protelatórias do governo para adiar a aprovação dos PLs 6613 e 6697 não param. A mais recente foi o requerimento de nova audiência pública na Comissão de Finanças e Tributação (CFT), sendo que uma igual foi realizada em abril do ano passado, quando o governo tentava impedir a aprovação dos projetos na Comissão de Trabalho.

O requerimento foi feito pelo deputado Reginaldo

Lopes (PT/MG) – aquele mesmo que propôs para os PLs duas emendas de conteúdo contraditório, ambas com o objetivo de eliminar direitos dos servidores do Judiciário e do Ministério Público.

O parlamentar publicou uma nota em seu site dirigida à nossa categoria, onde diz ser favorável ao subsídio como forma de remuneração. Ele também defende a Gratificação de Desempenho e afirma que “no âmbito do Poder Legislativo e do Tribunal de Contas da União esta foi a técnica remuneratória escolhida”.

Será que foi mesmo? Como sabemos, o Poder Legislativo é composto por Senado e Câmara. Vamos esquecer o Senado, que não é da alçada do deputado. Pois bem: na Câmara, o plano de carreira não adota a avaliação de desempenho.

Portanto, fica a pergunta: por que o deputado Reginaldo Lopes acredita que esse tipo de remuneração é bom para os servidores do Poder Judiciário, mas não para os funcionários que trabalham na sua própria Casa?

O que o deputado pretende com esses feitos e desfeitos é rachar a categoria, numa estratégia para favorecer o governo. Quanto mais a categoria discutir o mérito do plano, e não a sua aprovação, mais o governo ganha tempo. É impressionante que alguns servidores ainda se deixem levar por expedientes como esse. E é triste ver que o governo atual tenta ressuscitar algo que o funcionalismo combate desde o governo FHC.

Não é à toa que o governo se preocupa em articular estratégias para desmobilizar a nossa categoria. Ele tem plena consciência do poder de pressão que a cúpula do Judiciário e os servidores da Justiça podem exercer. Tentar enfraquecer nosso movimento com “cantos de sereia” demonstra apenas que somos uma força a ser respeitada.

**“Quanto mais a categoria discutir o mérito do plano, e não a sua aprovação, mais o governo ganha tempo. É impressionante que alguns servidores ainda se deixem levar por expedientes como esse”**

*Debates nas eleições de delegados fortalecem a mobilização dos servidores em torno da luta pelo reajuste. Resultados do Congresso nortearão as futuras ações do sindicato*

# Motores aquecidos

**D**ebates iniciados, delegados eleitos, servidores mobilizados: os motores já estão aquecidos para o 6º Congresso do Sindjus, que acontecerá nos dias 27 e 28 de maio, no Parlamundi (centro de convenções da LBV, na 915 sul). O evento vai abordar as formas de remuneração da categoria e o papel dos servidores na prestação jurisdicional.

As ações futuras do Sindjus serão norteadas pelos resultados do

Congresso – que, de acordo com o estatuto do sindicato, deve analisar a conjuntura nacional, o desenvolvimento da sociedade, a situação específica da categoria e as condições de funcionamento da Justiça, e em cima disso deliberar

toriosa nesse processo de negociação com o Executivo”, disse o coordenador-geral do Sindjus, Berilo Leão.

Para cada 50 filiados, cada órgão do Judiciário e do MPU elege um delegado para representar os servidores no evento. No dia 30 de março o Superior Tribunal de Justiça (STJ) e o Conselho da Justiça Federal (CJF) deram o pontapé inicial nas eleições. Na véspera, os diretores do sindicato passaram nos dois locais de trabalho e chamaram todos a participar.

Após um rico debate sobre as expectativas da categoria em relação ao reajuste salarial, os servidores do STJ elegeram quinze colegas e se comprometeram a ajudar na luta da categoria. Independente da linha de pensamento, todos têm uma certeza em comum: o Judiciário precisa de mais respeito por parte das autoridades.

“O ambiente do STJ é um dos melhores que já trabalhei. Com certeza, se eu tivesse um salário melhor, ele seria minha primeira opção. Mas não tenho incentivo nenhum para ficar aqui sabendo que uma pessoa no mesmo tipo de cargo recebe quase o dobro do que eu ganho”, disse Daniel Godoy, um dos delegados eleitos, referindo-se à dife-

rença de remuneração em carreiras semelhantes à sua nos poderes Executivo e Legislativo.

No início de abril os servidores do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) mostraram que a categoria está cada vez mais madura e participativa; eles lotaram o auditório para eleger seus dez representantes.

Thayanne Fonseca, uma das eleitas, lembrou que “o papel que desempenhamos no Judiciário hoje está diretamente relacionado à nossa motivação. Temos que lembrar que somos uma carreira e como tal devemos ser respeitados”. O colega Vicente Ferreira, também delegado, destacou o abismo entre os três Poderes: “Não recebemos aumento desde 2008, enquanto o Legislativo e o Executivo tiveram reajustes sem dificuldade.”

Com 297 presentes, o TST teve uma participação expressiva na assembleia do dia 6. “É a primeira vez que vejo tantos servidores participando”, comemorou o coordenador-geral do Sindjus Cleto Vieira. Para o delegado do TST e coordenador do Sindjus Newton Brum, “o importante agora é focar no principal tema em discussão: a prestação jurisdicional e as formas de remuneração”.

No Tribunal de Justiça do Distrito

## RESPEITO

“O papel que desempenhamos no Judiciário hoje está diretamente relacionado à nossa motivação. Temos que lembrar que somos uma carreira e como tal devemos ser respeitados.”

Thayanne Fonseca,  
delegada eleita do TSE

sobre os programas de trabalho.

“O Congresso é um momento de defender nossos direitos. Lá poderemos debater e construir um caminho para garantir que a categoria seja vi-



Eleição no STJ: debate rico abre rodada de assembleias setoriais

Federal e Territórios (TJDFT), mais de 500 servidores lotaram o auditório e elegeram 78 delegados. Cláudio Coelho, um dos representantes eleitos, lembrou que a união da categoria é fundamental e não devem ser feitas distinções de cargos e antiguidade. "Neste tribunal não há diferença entre técnico e analista. Todos somos capazes de desempenhar as mesmas funções e todos devemos ser valorizados", ressaltou.

No Superior Tribunal Militar (STM) foram eleitos cinco delegados. "Queremos lutar pela melhor proposta, aquela que melhor se adequa à nossa carreira", disse José Alberto dos Santos Sampaio, um dos escolhidos para representar os colegas no Congresso. Para ampliar a luta e envolver as autoridades na

demanda dos servidores, no final da assembleia foi entregue um ofício ao presidente do tribunal, solicitando uma audiência para resolver o impasse em relação ao PL 6613. "Queremos que o ministro colabore para que o colégio de Presidentes tome a frente dessa situação, intercedendo pela aprovação do plano", explicou o coordenador-geral do sindicato, Berilo Leão.

O mesmo foi feito em cada uma das assembleias setoriais, no período de 30/3 a 15/4: no final, um protesto contra a demora na aprovação do PCCR marcou a posição da categoria e, em nome dos servidores, o Sindjus entregou a cada administração um pedido para que o presidente cumpra seu papel na luta pelo reajuste.

## Programação

O Congresso acontece nos dias 27 e 28 de maio, no Parlamundi (915 sul). O credenciamento começará às 8h. A abertura será às 9h, com o tema *Sim, os servidores podem fazer mais pela Justiça!*

Às 10h30 haverá um painel seguido de debate sobre o tema *Prestação jurisdicional: o que os servidores fazem e o que podem fazer?* Às 14, novo painel: *Valorização – qual é a melhor forma de remuneração?*

No dia 28 acontecerão as reuniões dos grupos de trabalho e a plenária final. Dessa plenária sai o relatório do evento, que será submetido à ratificação de uma assembleia geral da categoria.

# O futuro da carreira

*Que tipo de futuro você vislumbra no horizonte? Como estará a sua carreira daqui a quinze anos? Será que os servidores do Judiciário e do Ministério Público terão seus salários equiparados às carreiras semelhantes nos poderes Executivo e Legislativo? E as competências e atribuições, como estarão? O acelerado desenvolvimento tecnológico vai favorecer as atividades funcionais? O Sindjus foi a campo ouvir o que a categoria pensa sobre o desenvolvimento da nossa carreira e qual o nosso papel na construção de um cenário mais favorável.*



FOTOS: FERNANDA SILVA



A mudança na carreira será em função da própria atividade: a demanda aumenta, a informatização agiliza o serviço, e quanto mais agilidade, mais demanda. A agilidade traz mais responsabilidade e a carreira precisa ser ajustada de acordo com isso. A reformulação vai mexer com várias áreas; para manter o funcionamento adequado, o todo terá que ser harmônico.

**Ivaneide de Sousa Lúcio,**  
técnico judiciário do TRT

A carreira deve tomar novos rumos, espero que depois de ampla discussão. Alguns cargos já fazem pressão para se desvincular da carreira única. A estrutura remuneratória também deve passar por reavaliação profunda. Há muito espaço para discutir competências e atribuições. Outro debate é a carreira exclusiva de Estado; devemos entrar nesse mérito nos próximos anos.

**Maurício Fernando de Sousa,**  
analista judiciário do TRT

Acho que haverá uma diminuição no quadro de servidores do Judiciário devido à tecnologia avançada. Mas, pelo mesmo motivo, a demanda também será maior. Os recursos tecnológicos melhoram o serviço diário e o atendimento ao público. Creio que futuramente a eficiência no serviço público em geral será maior.

**Flávia da Silva Pinheiro,**  
técnica judiciária do STJ

Nossa carreira estava se delineando, mas no ano passado parou, diante do novo governo. Temos um futuro meio nebuloso, não temos certeza de nada. A carreira se modifica com as novas tecnologias, mas essa questão é ampla e política. Por enquanto estamos estacionados, tirando a tecnologia que evoluiu, com o processo virtual.

**Fábio Luiz da Silva,**  
analista judiciário do STJ



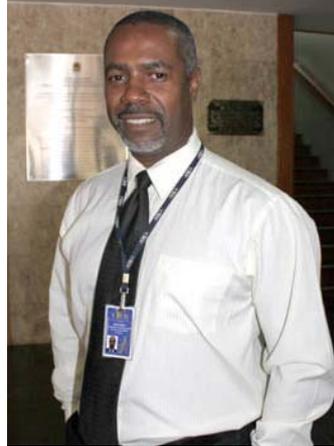
Estou há um ano no Judiciário e para mim a mudança foi ótima. Mas todos os servidores novos têm muitas expectativas. Já escutei que a carreira era bem melhor e está estagnada. Mas sou otimista, daqui a quinze anos acho que as atividades do servidor serão diferentes, a tecnologia vai modernizar e melhorar o nosso trabalho.

**Adriana da Câmara Tavares,**  
técnica judiciária do STJ



Tudo precisa melhorar, tanto financeiramente quanto no nível de relações interpessoais dentro do órgão. Depende muito de quem estiver na administração, mas depende também dos servidores vestirem a camisa e se envolverem com o trabalho. Minha expectativa é que melhore em todas as áreas.

**Eulina Gomes Rocha,**  
analista judiciária do TSE



Acredito que as perdas podem ser recuperadas. Temos conquistas com os novos servidores que entram. A qualidade do trabalho tem melhorado sistematicamente, as instalações também. Falta o salário. Equiparação com o Legislativo talvez seja utopia, mas eu acredito. Estou aqui há 18 anos e já presenciei muitas melhorias.

**Edmilson Alves da Silva,**  
técnico judiciário do TRT



Quando as pessoas entram, não têm coragem de participar dos movimentos da categoria. Esperam pelos servidores mais antigos, querem encontrar tudo resolvido, mas sem união a categoria não consegue nada. Espero que a carreira melhore, mas os novos servidores devem participar para que a mudança exista.

**Joaquina Alves de Abreu,**  
técnica administrativa do STM



Nossa aspiração é daqui a quinze anos ter nossa polícia judicial implantada. Acho que assim seria bem melhor. A gente teria uma profissionalização da área de segurança, com mais capacitação, agilidade e equipamentos. E teria uma ação mais efetiva para os servidores.

**Edson Rodrigues Pereira,**  
técnico administrativo do TSE



Acho que ainda temos muitas oportunidades aqui. Algumas coisas incomodam, mas são do serviço público em geral, não exclusividade do Judiciário. Estou no TSE há três anos e me sinto satisfeita. Acho que a tendência é que a situação dos servidores melhore. Talvez demore mais tempo do que o que nós queremos, mas vai melhorar.

**Janete Valente Gushiken,**  
analista judiciária do TSE



O Judiciário deveria atrair novos valores e recursos humanos, mantê-los e principalmente recompor os valores existentes. Mas se não houver mobilização isso não vai acontecer. E vai haver um impacto negativo no serviço. Talvez fique cada vez mais difícil para quem está ingressando na carreira.

**Ricardo Guimarães de Almeida,**  
técnico judiciário do TRT



O panorama não é muito bom. Vejo um esvaziamento do Judiciário, estamos perdendo forças para o Executivo e o Legislativo. Ministros, juizes e servidores estão descolados, não estamos ligados. Há uma hipervalorização dos cargos comissionados. A tendência é esvaziar. Temos que fortalecer os servidores de carreira para ter um futuro melhor.

**Denise Baiocchi Vianna,**  
técnica judiciária do TSE



## Passagens fechadas

Com grades ou cercas vivas, a maior parte dos blocos barra a passagem de pedestres, que deveria ser totalmente livre. Mais da metade do bloco C da 307 sul está cercada (fotos), em flagrante desrespeito ao tombamento da cidade

# Uma cidade cercada

*Brasilienses ameaçam destruir sua maior riqueza: o Plano Piloto, degradado por cercamentos e reformas irregulares*

Lucio Costa concebeu Brasília não apenas para abrigar o governo, mas também – talvez principalmente – para o conforto dos moradores. “Sendo monumental é também cômoda, eficiente, acolhedora e íntima”, escreveu em sua apresentação do Plano Piloto. Expressões frequentes como “uso livre do chão” pelos pedestres e “espaços adequados à escala do homem” demonstram sua intenção: uma cidade de amplos espaços, voltada para a convivência comunitária e pautada pela liberdade de ir e vir.

Apesar de tombada como patrimônio da humanidade, a genial criação do urbanista está ameaçada de morte pelos próprios moradores, com a colaboração de sucessivos governos que se abstêm de coibir abusos. Grades, cercas vivas, cancelas e jardins privados mostram o quanto se valoriza o individual em detrimento do coletivo. Na esperança de que a situação seja revertida enquanto é tempo, esta fotorreportagem mostra algumas das agressões mais comuns à cidade.



FOTOS: USHA VELASCO



## Prioridade para os carros

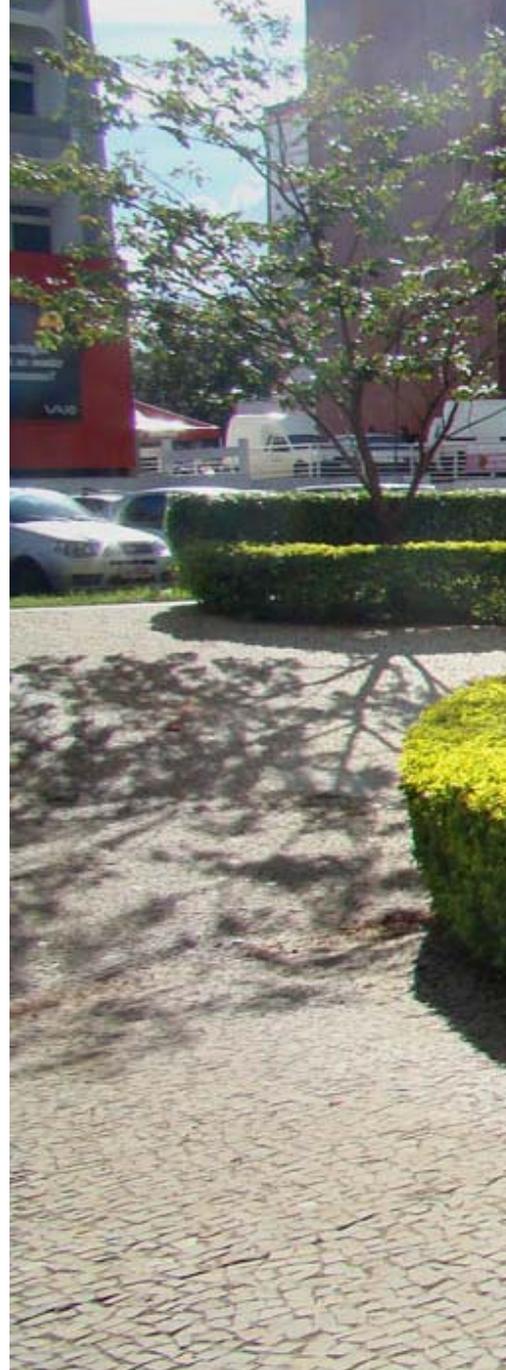
Todos os blocos da 206 sul (alto e centro) usaram área pública para fazer garagens privadas; algumas delas ainda foram isoladas da quadra por cercas vivas. No bloco G da 408 norte (acima) o espaço sob os pilotis virou estacionamento: carros priorizados em detrimento das pessoas

FOTOS: LUSHA VELASCO



## Cena chocante

Carro passa dentro do bloco B da 106 sul: invasão de um espaço destinado a carrinhos de bebê, brincadeiras de criança, conversas entre vizinhos. O prédio se apropriou de um estacionamento público e usa até cancela



## Lucio Costa ao avesso

As proposta das superquadras é estimular a socialização do espaço e a ideia de vizinhança – o oposto do que ocorre na 303 norte. Quase todos os blocos estão cercados, mas o que mais chama a atenção é o D. Cercas vivas foram plantadas em volta de uma área enorme, física e visualmente separada do resto da quadra

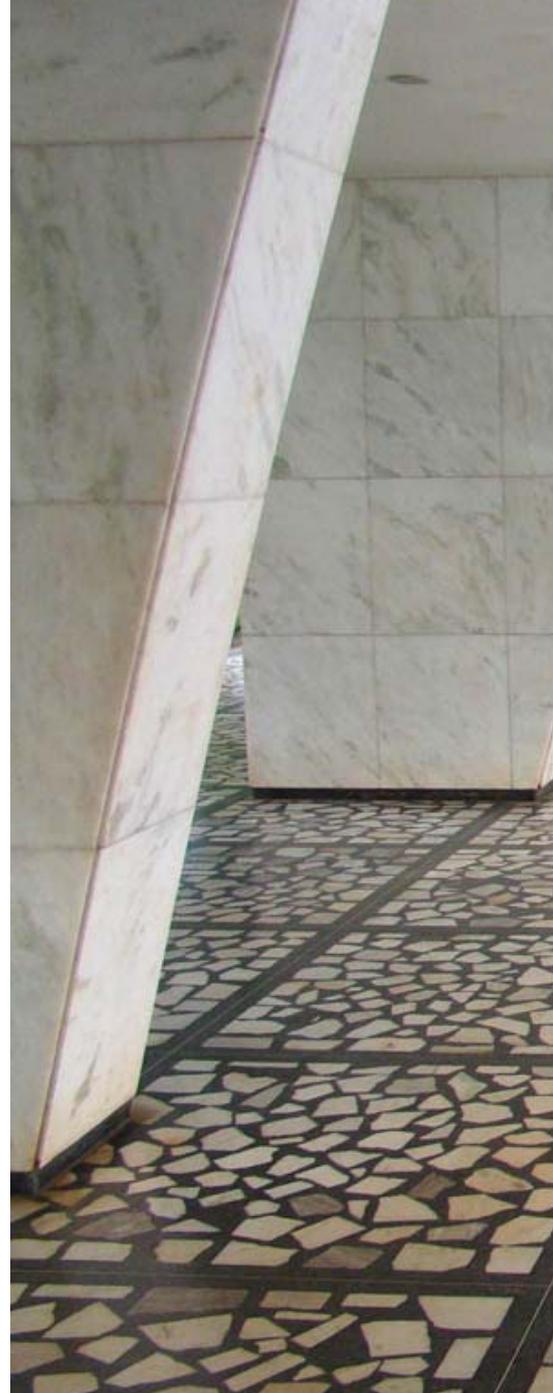
## Beleza para poucos

Bloco J da 311 norte: edifícios conjugados fizeram um enorme jardim privativo. Rente à W2, uma cerca viva com um metro de altura barra não só o acesso ao bloco, mas à quadra toda. São 192m de cerca com apenas duas passagens. Sob os pilotis, placas avisam: proibido andar de bicicleta, proibido jogar bola, proibido skate, proibido patinar...



FOTOS: USHA VELASCO





## Assim não...

Reformas ameaçam o conceito dos pilotis – como no bloco K da SQN 415 (no alto), onde um salão de festa acabará de vez com o pouco espaço que resta embaixo do prédio. Na 207 sul (centro), o bicicletário é uma agressão desnecessária ao projeto de Lucio Costa. O mesmo acontece na 208 sul (ao lado): nada justifica a cerca



FOTOS: BRUNA FELICE

## Assim sim!

Espaço livre sob os pilotis preservados na 107 sul: amplidão visual, beleza e funcionalidade. Na 308 sul (ao lado), um modelo para as outras superquadras, os blocos estão livres de cercas e de barreiras paisagísticas, o que garante aos pedestres acesso liberado em todas as direções



TT CATALÃO

# Nuclear nunca mais?

**Hoje ativo**

**pra amanhã**

Daqui a pouco a mídia

desaquece o drama e

esperaremos um novo

choque para "reagirmos" ...

chocados! Sem falar que o

trapalhão Homer Simpson é

o chefe da segurança

nuclear de Springfield



# não ser radioativo



**CRIEI A FRASE ACIMA** nos anos 70 e foi faixa de muita passeata contra a energia nuclear. Ary Pararrais, com o seu Esquadrão da Vida, criou uma narrativa dramática de rua com o seu belo grupo saltimbanco que até hoje resiste pelas esquinas de Brasília. O artista plástico Bené Fonteles incorporou o "ativo pra não ser radioativo" em performances e muita camiseta ganhou tinta. Na época sofríamos o rótulo do "ecoíita", dos "inimigos do desenvolvimento", do "você fazem o jogo colonialista que não nos quer supremos no mundo". Bem, em qual mundo? O do colapso suicida que se esgota em bases não sustentáveis? O do imperialismo transgênico (por exemplo) que cria monopólios sobre a natureza? O tal mundo "infalível" em que a forma vale mais que o conteúdo, o aparato mais que a essência? O da tecnologia que aliena o humano?

**POIS É, A RODA GIRA.** O choque do terremoto no Japão e o seu impacto sobre a "absoluta segurança" ser-

vem para correções de curso (será?) enquanto há tempo. Um território como o brasileiro e sua vasta biodiversidade (potencializada pela extraordinária pluralidade cultural que dá alma ao corpo) precisa jogar o jogo mais estratégico no tempo e menos em curto prazo na tal política de resultados, geralmente catastrófica pelo volume da cobrança, pela escala devastadora do mais rápido, pela voracidade econômica centralizada no lucro (ávido e imoral) de alguns.

**"NÃO HAVIA PRECEDENTE,** daí o nosso despreparo" é a desculpa clássica, mascaradamente humilde para quem pregava a segurança absoluta. Acontece que o preparo deveria estar exatamente no imprevisível, não no possível. Como a natureza tem sentimentos que a razão desconhece, fica o choro e o ranger de dentes na busca do "onde foi que erramos". O nuclear na história japonesa se mostrou pela face hedionda das bombas e, agora, apresenta-se sem controle onde antes

era uma opção, digamos, "inteligente". Das 54 usinas do país, 11 foram sacudidas e 4 estão próximas do apocalipse. A situação pode ser revertida, é claro. Porém, um abalo soará inescusável: a manipulação da informação em aliança com a passiva postura investigativa da mídia (cuidado para que "nada desestabilize o sistema, crie alarmes e repercuta nos negócios"). Ingredientes mortais para a narcose e o narciso das sociedades que se proclamam livres.

**NO IMAGINÁRIO JAPONÊS** ronda (de Hiroshima a Fukushima) a "ameaça que vem do mar". Nos mangás (quadrinhos japoneses gigantes bem melodramáticos e folhetinescos) habitam monstros como o famigerado Godzilla, que desperta do oceano depois de uma detonação atômica. A fantasia surgiu depois do caso Lucky Dragon, um pesqueiro contaminado, em 1954, no Atol de Bikini, cuja carga chegou aos mercados de Tóquio. Além de biquíni servir para apelar o "arrasador" traje de

duas peças, antes do fio dental. Lembrar que diversos países fizeram detonações submarinas para "esconder" o cogumelo fatal.

**GODZILLA E MONSTROS** vindos do mar parecem, hoje, materializados em insana realidade tendo como pior consequência a óbvia máscara sobre os reais danos e a maquiagem que será feita para demonstrar que o pior já passou e tudo estará sob "absoluto controle e segurança". Afinal quem vai querer desestabilizar sistemas apoiados em tamanha loucura? Talvez o próximo colapso não dê tempo nem para explicações. Essa é uma opção de governos, economias e o apoio dopado de uma opinião pública sob bombardios diários da glória excelsa do "nosso modelo é vencedor". E daí? Daqui a pouco a mídia desaquece o drama e esperaremos um novo choque para "reagirmos" ... chocados! Sem falar que o trapalhão Homer Simpson é o chefe da segurança nuclear de Springfield.

# Mundo virtual, ação real

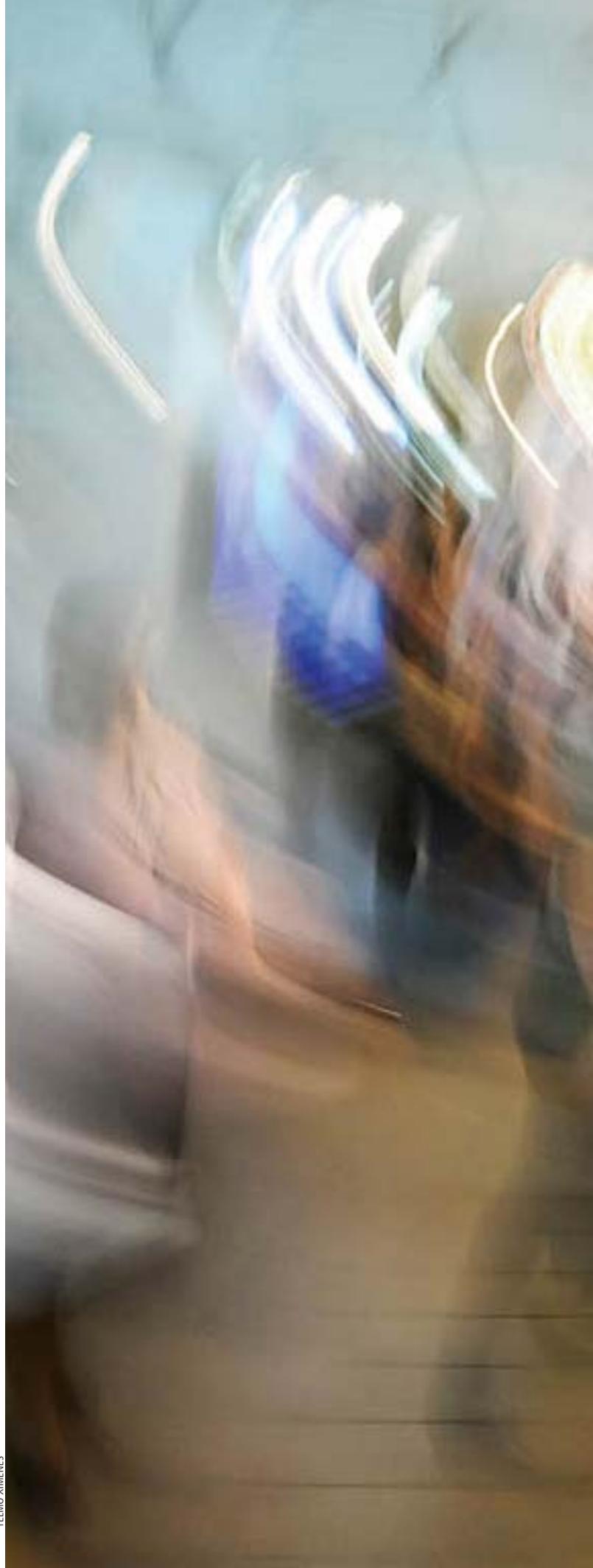
*Festival pioneiro discute inclusão digital e doa mais de R\$ 60 mil ao Comitê para a Democratização da Informática do DF*

**Deniza Gurgel**

---

**B**rasília foi palco, pela primeira vez, de um evento que reuniu solidariedade, interatividade e um rico debate sobre as novas mídias e a inclusão digital. O Twestival (Twitter + Festival) nasceu em Londres, em 2008, com a ideia de usar o microblog para mobilizar pessoas em prol de uma causa social. Hoje acontece em mais de 150 cidades do mundo e alimenta o debate sobre o poder das novas mídias e a necessidade de inclusão digital.

Realizado no dia 24 de março – uma semana antes do Dia Nacional da Inclusão Digital (29) –, o Twestival chegou este ano à capital do Brasil por iniciativa de Jens Schriver, um dos coordenadores. Ele inscreveu a cidade como uma das sedes do encontro após participar do Twestival de Copenhague, na Dinamarca. Uma das exigências para fazer o festival de tuiteiros é a causa social; em Brasília, a instituição escolhida para ser apoiada foi o Comitê para a Democratização da Informática do DF (CDI-DF), que recebeu mais de R\$ 60 mil arrecadados.





Daniela Guima: "existe um mundo de informações extremamente rico circulando em paralelo ao mundo não-digital"

## Novas mídias contra velhas desigualdades

Os CDIs fazem parte de uma ONG internacional e estão presentes em todo o Brasil. No Distrito Federal eles atuam muito fortemente, sob coordenação de Andrea Portugal. “Atuamos em muitas áreas. Podemos fazer parcerias com empresas, com o governo, com centros educacionais. Buscamos levar cidadania, formação, profissionalização. Foi muito bom poder fazer parte desse festival”, disse Andrea. Daniela Guima, coordenadora do Twestival, acredita que a escolha da instituição não poderia ter sido melhor. “O trabalho deles é formar cidadãos por meio da inclusão digital, e isso tem tudo a ver com o mundo do Twitter”, explicou.

Além da parte social e da realização de um festival, com apresentação de DJs e bandas locais, o evento, realizado no Terraço Shopping, promoveu palestras sobre a melhor forma de uti-

lizar a internet e as redes sociais. Debateu-se o uso das novas mídias pelas empresas e como elas são usadas não só como ouvidoria, mas também para contornar crises.

Com essa mistura certa de diversidade, solidariedade e debates, o TwestivalBSB 2011 (como foi apelidado no twitter) tornou-se o maior do mundo desde a criação do festival. Isso reforçou ainda mais a necessidade de debater formas de inclusão digital. “Essa discussão é urgente. Existe um mundo de informações extremamente rico e importante circulando em paralelo com o mundo não-digital. Não ter acesso a ele significa estar excluído. E a aproximação com esse universo promove uma inversão desse processo de forma muito rápida”, explicou Daniela Guima. “É justamente essa aproximação que é promovida pelo pessoal da

CDI”, completou.

Andrea Portugal, coordenadora do CDI-DF, vivencia diariamente a importância de se trabalhar essa inclusão. “Quando implantamos uma unidade do CDI em assentamentos rurais, possibilitamos às pessoas conhecer um mundo ao qual elas provavelmente nunca chegariam se não fosse a internet. Em locais que trabalham com agricultura, por exemplo, eles descobrem inclusive novas formas de comercializar seus produtos e ficam fascinados com as portas que se abrem”, disse ela.

A dimensão que o Twestival ganhou em Brasília mostrou que muita gente está atenta e quer mudar essa realidade. Prova disso foram os 51 voluntários que trabalharam muito, sem receber um centavo, para ajudar a manter por mais um ano cinco centros de cidadania que teriam suas

FOTOS: TELMO XIMENES

Debates: interesse pelo evento gerou recorde de visitação ao shopping



portas fechadas em junho. É o caso de Michelli Lorenzi, técnica administrativa do MPDFT, que se voluntariou no Twestival por ver no evento uma forma criativa de contribuir para criação de um mundo de paz, cultura e educação. "Acredito numa força crescente de influência das redes sociais na sociedade. Esse talvez seja o maior fenômeno de empoderamento do indivíduo nos últimos tempos, com grande capacidade de mobilização e difusão de informações", analisou.

Antônio Mação, técnico de informática do MPDFT, também foi voluntário. Ele acredita que está na hora de abrir os olhos para o poder da internet e das redes sociais. "O país tem que debater tantas questões relevantes, não é? A inclusão digital com certeza é uma delas. As redes sociais vieram pra ficar. São uma realidade mais que palpável e não podem ser desprezadas", avaliou.

## Negros e pobres usam menos a rede

O Brasil é o quinto país em número de conexões à internet. De acordo com o Ibope/Nielsen, no país existem 73,9 milhões de usuários com mais de 16 anos. Desse, 41,7 milhões utilizam a rede regularmente.

Infelizmente, nesse espaço virtual também existe desigualdade social. Entre os 10% mais pobres, apenas 0,6% tem acesso à internet; entre os 10% mais ricos esse número é de 56,3%. Somente 13,3% dos negros usam a internet, mais de duas vezes menos que os brancos (28,3%). Os índices de acesso à internet das regiões Sul (25,6%) e Sudeste (26,6%) são mais de duas vezes maiores que

os das regiões Norte (12%) e Nordeste (11,9%).

Apesar dessas disparidades, os internautas brasileiros lideram o acesso mundial às redes sociais. De acordo com a pesquisa Nielsen, 86% dos usuários ativos no país usam as redes. Uma pesquisa realizada pela empresa brasileira E Life apontou que 42,5% deles dedicam cerca de seis horas diárias ao Facebook, Twitter e sites similares.

### EXCLUÍDOS

A porcentagem de brancos brasileiros com internet é de

**28,3%,**

mas entre a população negra o número cai para

**13,3%.**

No Sudeste o índice de acesso é de 26,6%, mais que o dobro do Nordeste, com

**11,9%.**

Andrea Portugal mostra a doação recebida: trabalho busca "cidadania e formação"



**WWW**  
**.sindjusdf.org.br**

**twitter.com/Sindjus**  
**facebook.com/Sindjus**

Estamos ligados nas redes  
sociais. Conecte-se também!

## Serviços

**Assessoria jurídica** –  
atendimento gratuito  
e personalizado nas mais  
variadas áreas e consulta  
online de processos

**Convênios** – descontos  
em uma ampla rede: saúde,  
lazer, alimentação, imóveis,  
educação, informática...

# Sindjus online

## conheça nossos serviços

### Publicações

**Revista do Sindjus** – mensalmente, traz reportagens sobre um amplo leque de assuntos, sempre com um enfoque cidadão

**Boletim** – publicação semanal que mantém os servidores atualizados sobre nossas mobilizações e lutas

**Notícias** – um apanhado diário dos fatos que afetam o universo dos servidores do Judiciário e do MPU

### Campanhas solidárias

**Eu Doo Talento** – quer ser voluntário fazendo o que você mais gosta? Veja as instituições cadastradas e descubra quem precisa do seu talento.

**Direito à informação** – O Sindjus se uniu ao Açougue Cultural T-Bone no projeto das bibliotecas comunitárias em paradas de ônibus. Participe, doe livros!



**Sindjus**

*O sindicato da cidadania*



### Yuri Matsumoto Macedo

formou-se em Medicina pela Universidade Federal do Pará, pós-graduou-se em Medicina do Trabalho pela Universidade Estadual do Pará e fez residência em Psiquiatria no Hospital de Base do DF. Publicou o livro *Louco é quem me diz* (2005), com casos verídicos de pacientes psiquiátricos. Também é membro da ABP e APBr.



FOTOS: ROBERTO RIBEIRO STUDIOS

**André Luis Macedo**, especialista em Psiquiatria, formou-se em Medicina pela UnB e fez residência em Psiquiatria no Hospital de Base do DF. É psiquiatra do TJDF, membro da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e da Associação Psiquiátrica de Brasília (APB).

Neste espaço, os psiquiatras Yuri Matsumoto Macedo e André Luis Macedo publicam mensalmente artigos sobre saúde mental. Para saber mais, acesse [www.animaconsultorio.site.med.br](http://www.animaconsultorio.site.med.br)

# Muito mais que mania

O Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) já foi considerado raro, mas o avanço das pesquisas levou ao aumento dos diagnósticos; atualmente, acredita-se que atinja 1% a 3% da população. Ele geralmente se inicia antes dos 18 anos, mas pode surgir tanto na infância quanto na vida adulta. E não se trata apenas de ter “manias”, como alguns dizem.

O TOC é caracterizado por pensamentos ou imagens desagradáveis, chamados obsessões, e por ações repetidas indesejadas, chamadas compulsões. Esses sintomas causam um mal-estar intenso e consomem muito tempo da vida da pessoa — mais de uma hora por dia, pelo menos. Eles interferem em diversos aspectos do cotidiano, como o trabalho, as atividades sociais e o convívio familiar.

As obsessões são ideias, imagens ou impulsos que “entram na mente” do indivíduo de modo repetitivo e involuntário, gerando repugnância ou mal-estar. Embora esses pensamentos sejam desagradáveis, os próprios pacientes os reconhecem como seus. Eles sabem que não serão compreendidos pelas outras pessoas, veem que as obsessões não fazem sentido e tentam resistir a elas — na maioria das vezes sem sucesso. As obsessões possuem diversos temas. Os mais comuns são o medo de contaminação por doenças ou microrganismos; os presságios de que coisas ruins vão acontecer; a necessidade de ordem e simetria exageradas; pensamentos “proibidos”, especialmente sobre sexo, violência ou religião; dúvidas recorrentes sobre ter deixado de fazer algo; e superstições.

Para diminuir, aliviar ou mesmo aplacar as obsessões, os portadores do TOC podem realizar as compulsões por meio

de ações repetidas ou ritualizadas, como contar, rezar, benzer, lavar, fazer “simpatias”, verificar portas, luzes e fogões repetidamente. Esses hábitos não são de forma alguma agradáveis nem podem ser considerados atitudes úteis, mas é comum que sejam erroneamente taxados de simples “manias”.

Há evidências que essa doença está relacionada a problemas de comunicação entre a região frontal do cérebro e estruturas mais profundas, que utilizam o neurotransmissor serotonina como mensageiro; no TOC, essa substância se encontra em níveis menores. Outros dados sustentam a influência de fatores genéticos e ambientais.

A intensidade dos sintomas do TOC varia. Algumas pessoas apresentam períodos com sintomas bem evidentes alternados com períodos de ausência de sintomas. Outros manifestam o quadro constantemente, porém em graus variáveis. E há ainda aqueles cujos sintomas são estáveis por toda a vida.

Os portadores de TOC costumam ter dificuldades para reconhecer a doença, guardam segredo sobre seu padecimento e por isso demoram em média 7,5 anos antes de procurar ajuda psiquiátrica. Ainda assim tardam a ser diagnosticados, devido à presença de sintomas de outras morbidades, como a depressão, que se desenvolvem ao longo da evolução da doença.

O primeiro passo no tratamento do TOC é conscientizar o paciente e sua família sobre a doença e sua terapêutica. Durante os últimos anos dois métodos eficazes foram desenvolvidos: a terapia cognitivo-comportamental e o tratamento com medicamentos. A duração do tratamento é variável, de acordo com o caso.

## Pensamentos ruins

Na minha infância os “pensamentos ruins” já me incomodavam. Eu desenvolvi uma forma de amenizá-los; rezava a mesma oração ou frase, várias e várias vezes, como se fosse um mantra. Mas depois, pensava coisas feias misturadas à oração. Então, resolvi decorar a tabuada de multiplicação. Outras vezes cantarolava.

Para mim, de alguma forma a cor azul está relacionada a coisas ruins, mas não parou por aí. Com o tempo era também o marrom, o roxo, o vermelho e qualquer outra cor de roupa que eu estivesse usando quando me acontecia algo ruim. O TOC não tem lógica, porque escolhi usar preto, logo essa cor, que é ligada ao luto. Quando ia trabalhar, acabei ficando com poucas opções para me vestir. Chegava a trabalhar com roupa ou sapato gasto, remendado; para mim, era melhor do que usar uma roupa que me causaria problemas. Um dia mandei fazer algumas calças de malha preta e camisetas brancas para resolver a questão. Dizia para os colegas que era meu uniforme. Passei a usar

a mesma roupa no dia a dia também. Qualquer coisa para evitar os “pensamentos ruins”.

Agora já consigo usar algumas palavras que eram impossíveis algum tempo atrás, mas ainda tenho medo, medo de estar provocando algo ruim. Quando falo em público, mesmo entre amigos, depois fico parecendo uma idiota, repetindo a tal palavra até estar convencida de que ela não me fará mal algum.

Quando eu falo para alguém que tenho TOC, geralmente a pessoa diz que também é cheia de manias, e me conta as que tem. Mas a coisa não é bem assim. Eu queria ter apenas manias, sem a obrigação de cumpri-las, sem medo de que aconteça algo. Eu queria ter mania de organização, de limpeza, de fazer ginástica, de passar creme, de ir ao cabelereiro... Mas não é assim.

Com certeza já melhorei muito. No auge do meu TOC eu evitava falar, cantar, me vestir... Tudo era limitado, cansativo. Era cansativo tomar banho, ligar e desligar o chuveiro, dar voltas no box...

**Aparecida, 43 anos, professora**

## Agenda mental

Tenho TOC diagnosticado há quase sete anos, quando eu tinha 14. O diagnóstico, a meu ver, foi tardio; eu já havia percebido a doença três anos antes. Tinha rituais de organização e limpeza, manias de perfeição e medos de contaminação. Desde criança, meu material escolar era milimetricamente organizado na escrivaninha de casa, na mochila ou na carteira da escola. No guarda-roupa, organizava minhas roupas pela cor. Quando guardava algo numa gaveta, checava milhares de vezes pra ter certeza de que o objeto continuava lá. Idealizava uma “agenda mental” que me impedia de fazer qualquer coisa que não estivesse prevista.

Como sintoma do medo de me contaminar, lavava as mãos compulsiva-

mente. Para não me sentir mal, culpada, estabelecia um número de repetições que devia cumprir. Desde o início do tratamento, porém, percebo que os intervalos entre as ocorrências das crises de ansiedade e estresse foram se tornando maiores e que deixei de manifestar alguns sintomas, ou ao menos diminuí a manifestação da maioria deles.

A família inteira e todos os meus amigos sempre souberam da doença, nunca tive problema em falar abertamente sobre o assunto nem me envergonhei disso. Sinto que, atualmente, o TOC me limita menos. Ou talvez nem me limite mais.

**Nina, 20 anos, estudante e modelo**

## Território hostil

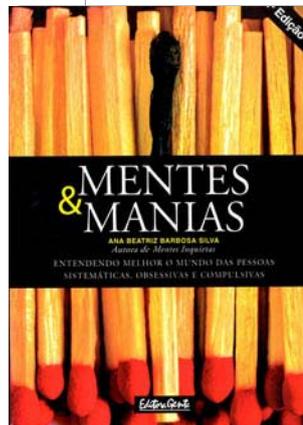
O TOC para mim é uma prisão. Quando não estou no meu ambiente familiar sinto que todas as coisas estão infectadas, tenho vontade de limpar tudo o tempo todo. Limpo meus objetos pessoais, como bolsas, roupas, sapatos, o volante do meu carro... Também forro o banco do carro para evitar contaminá-lo com bactérias de outros lugares onde me sentei.

Ao sair do banho ainda me sinto suja, acho que estou com mau cheiro. Me ocupo tanto com a minha higiene que me sinto cansada. Não pego em fechaduras de lugares estranhos, fico esperando alguém abrir para eu poder entrar ou sair. Ou abro a porta com o pé. Não consigo mais sair de casa, por ser difícil conviver com todos esses medos.

Os banheiros, mesmo limpos, são território hostil para mim. Quando vou tomar banho tenho vontade de usar um sapato, porque acho que todo o banheiro está contaminado. Eu lavo todas as roupas que eu levo em viagens, mesmo as que eu não usei, além da mala, da bolsa e até as minhas bijuterias. Depois tomo banho. Já cheguei a tomar banho com água sanitária e álcool. Isso me machuca e causa feridas em meu corpo.

Quando volto do trabalho, é horrível imaginar que sentei em lugares estranhos. Eu choro para tomar banho, de tanto ter que me lavar. Há momentos em que eu quero me rasgar de tanto que eu me lavo, não sei se é no meu corpo ou na minha alma.

**Ilana, 44 anos, servidora pública**



## SAIBA MAIS

*Mentes e Manias*  
Ana Beatriz Barbosa  
Silva, Ed. Gente

Associação Brasileira de  
Síndrome de Tourette,  
Tiques e Transtorno  
Obsessivo Compulsivo  
(ASTOC):  
[www.astoc.org.br](http://www.astoc.org.br)

# Batalha pela reciclagem

*Cooperativa das Trabalhadoras Autônomas de Planaltina faz sucesso com reaproveitamento de banners para produzir bolsas*

## Thais Assunção

Há pouco mais de cem anos, quando começou a fazer parte do vocabulário do brasileiro, a palavra “reciclagem” se confundia com a fabricação e o reaproveitamento de papel no país. Naquela época nem se imaginava que um dia o plástico e vários outros materiais que sequer existiam seriam uma valiosa matéria-prima a ser reciclada. É o caso dos banners que hoje garantem o sustento de várias famílias, como as de Maria da Páscoa e Elizângela Araújo, da Cooperativa das Trabalhadoras Autônomas de Planaltina.

A cooperativa foi registrada em 1998 como COAESTP – “mas não adianta tentar juntar a sigla ao nome correto, porque você não vai conseguir”, avisa Maria da Páscoa, rindo. Ela explica que já havia outra instituição com a sigla pensada inicialmente, por isso

as letras escolhidas não correspondem exatamente às iniciais da cooperativa.

Inicialmente as mulheres da COAESTP, que fica no bairro de Arapoangas, em Planaltina, pensaram em se dedicar à confecção de roupas. Recém-chegada de Bacabal, no Maranhão, Maria da Páscoa sentiu necessidade de se unir a outras pessoas para desenvolver uma atividade lucrativa. Formou um grupo de donas de casa. Juntas, conseguiram apoio de políticos da região e a doação de um lote para a cooperativa.

Porém, para concretizar o plano de criar uma confecção, ainda faltavam equipamentos e capacitação de mão-de-obra. Enquanto isso o grupo ia se virando com pequenas atividades comerciais, o apoio da vizinhança e um convênio com o governo, que garantia a doação de cestas básicas para a cooperativa.

Em 2002, entretanto, elas receberam a notícia de que o convênio não seria mais renovado. Mesmo assim Maria da Páscoa acreditava na força do grupo e via um futuro promissor para a cooperativa; resolveu deixar de lado o emprego de doméstica e se dedicar exclusivamente ao empreendimento. “Eu acreditava no meu sonho”, conta ela.

Maria da Páscoa procurou os cursos oferecidos pelo Sebrae para aperfeiçoar a mão-de-obra e definir os rumos que seriam tomados pelo grupo. O artesanato, mais especificamente a tapeçaria, foi a opção escolhida. O

grupo conseguiu cinco máquinas de costura industriais, doadas pela Fundação Banco do Brasil, e colocou a mão na massa. Mas os custos eram elevados e as vendas não eram fáceis; a melhor forma de dar saída aos produtos era comercializá-los diretamente em São Paulo. Com tanta dificuldade, os lucros eram muito pequenos e o empreendimento nunca chegava aos resultados sonhados.

## CAMINHOS QUE SE CRUZAM –

Enquanto isso, sem conhecer a cooperativa, Elizângela Araújo descobria a arte da costura. Começou um curso no Sebrae do jeito que podia, mesmo sem equipamento: “Eu não tinha máquina de costura, mas minha mãe guardou uma velha máquina da minha avó. Como eu não tinha condições de comprar uma, usei aquela mesmo”, relata ela.

No começo foram só críticas. Elizângela lembra que o designer do Sebrae era severo: “Eu não conseguia alcançar a perfeição que ele exigia”, conta. Sentindo-se desamparada, desistiu do plano de fazer bolsas para vender; resolveu ficar em casa e se dedicar apenas a praticar e aprimorar o que já havia aprendido.

“Nem meu marido acreditava em mim”, relata Elizângela; “ele me criticava por passar tanto tempo me dedicando à costura”. Mas, de tanto treinar, um dia ela fez uma bolsa para a

## Trabalho pesado

Os banners são doados por empresas. Depois de chegar à COAESTP eles passam por um pesado processo de lavagem. Em seguida as amarras e costuras são retiradas, para que o material possa ser usado na confecção das bolsas. Hoje a cooperativa conta com nove máquinas de costura profissionais – doações da Fundação Banco do Brasil, Sebrae e UnB.



Maria da Páscoa (à frente) com as colegas Elizângela (centro) e Doralice: "Estamos buscando o pão de cada dia com dignidade"

ARTHUR MONTEIRO

presentear a irmã e a moça pensou que o produto havia sido comprado numa boutique. “Ela disse que estava perfeita”, comemorou Elizângela.

O marido, então, resolveu dar uma ajuda à arte de Elizângela. “Ele me deu duzentos reais e eu fui comprar os meus produtos em Taguatinga, de ônibus. Quando cheguei em casa não consegui esperar, comecei logo a fazer bolsas e mais bolsas. Até meu marido passou a me ajudar a vendê-las”, relembra.

Depois disso Elizângela foi chamada a dar aulas de artesanato em cooperativas do Distrito Federal, e a primeira turma foi a da COAESTP. “Em 2002 eu dei a primeira aula e conheci a Maria da Páscoa. Desde essa data não a deixei mais”, ri a professora.

Mas essa união se consolidou ainda mais em 2007, numa reunião no Sebrae, onde a pessoa responsável pelo setor de artesanato contou sobre uma encomenda inusitada: uma empresária de São Paulo queria comprar bolsas de material reciclável, mas não tinha ideia de qual material poderia ser utilizado.

Elizângela queria atender à encomenda, mas não havia recursos para comprar material. Então, na própria reunião as participantes tiveram uma ideia. Ao olhar para um canto da sala e ver vários banners velhos encostados na parede, decidiram usar o produto como matéria-prima. Elizângela levou o material para casa, lavou tudo e colocou a mão na massa.

As bolsas ficaram prontas e foram enviadas a São Paulo. “A empresária adorou, disse que era aquilo mesmo que ela queria e encomendou cem peças. Nós não tínhamos muita gente para trabalhar, então começamos um trabalho duro, para lavar um monte de banners, cortar e costurar”, conta Elizângela. “Mas foi um sucesso, conseguimos fazer tudo e entregamos a encomenda na data prevista.”

Depois disso, as encomendas não pararam mais. Recentemente a coope-



Lote doado:  
condições  
adversas  
superadas  
aos poucos

FOTOS: ARTHUR MONTEIRO

rativa entregou 600 bolsas feitas com banners. “Já conseguimos até reformar o ateliê com o dinheiro do nosso trabalho”, conta Maria da Páscoa, orgulhosa dos resultados.

Hoje a COAESTP é formada por oito mulheres e dois homens, o mari-

do de Maria da Páscoa e outro morador de Arapoangas. “Estamos buscando o pão de cada dia com dignidade. Fico aqui praticamente 24 horas, todos os dias. Quanto mais fico no meu local de trabalho, mais eu o amo”, conta Maria da Páscoa.



Ateliê organizado:  
"Reformamos com  
o dinheiro do  
nosso trabalho"



Bolsas de  
todos os tipos:  
descoberta  
do banner  
como matéria-  
prima aconte-  
ceu por acaso

### DOAÇÕES

Quem quiser doar  
banners às costureiras  
da COAESTP pode  
entregá-los no Sebrae,  
setor de artesanato,  
L2 Sul, Q. 604/605,  
fones 3348-7128 e  
3348-7131.

# Quer ajudar? Doe o seu

# lixo

A coleta seletiva para o lixo orgânico e o inorgânico atinge apenas 1% do Distrito Federal. Treze caminhões diferenciados do Serviço de Limpeza Urbana (SLU) fazem esse serviço nas asas Norte e Sul, no Lago Norte e em parte do Lago Sul.

Aproximadamente 1.280 toneladas de resíduos são descartadas por mês, segundo dados do SLU. Desse total, apenas 3% podem ser reciclados. Isso acontece porque falta um sistema correto de coleta seletiva – e também porque a maioria das pessoas não se empenha na separação e na destinação correta do seu próprio lixo.

Mesmo assim, cerca de 17 mil pessoas vivem da coleta e reciclagem de resíduos no DF. São trabalhadores cadastrados em 29 cooperativas e associações, além de um sem-número de catadores

informais. Eles realizam uma espécie de coleta seletiva não oficial. Para ajudá-los, você pode doar o lixo seco gerado na sua casa e no seu local de trabalho. Confira na lista qual das entidades fica mais perto, e que materiais ela recebe.

## O QUE PODE (E DEVE) SER RECICLADO –

Você pode doar jornais, revistas, papéis, caixas e outras embalagens de papelão, embalagens tetrapak (como as de sucos e de leite tipo “longa vida”), latas de refrigerante e cerveja, vidros, garrafas pet, outras embalagens plásticas de alimentos e produtos de higiene e limpeza, copos e pratos descartáveis, sacolas plásticas e de papelão. Móveis e objetos de ferro, alumínio, madeira ou plástico também são reaproveitados.

## Cooperativas e associações de recicladores no DF

### PLANO PILOTO

#### Aporb – Associação Pré-Cooperativista de Catadores de Resíduos Sólidos de Brasília

Av. das Nações, s/n, L4 Sul  
8508-2071 / 8405-8564

#### Centcoop (Central de Cooperativas de Materiais Recicláveis do Distrito Federal)

SDS Conjunto Baracat, s. 404, Conic  
3321-0320

#### Central de Reciclagem do Varjão (CRV)

Área Especial, s/n, Galpão de Reciclagem,  
Varjão – 3468-1112

#### Coopativa – Cooperativa Popular de Coleta Seletiva de Produtos Recicláveis com Formação e Educação Ambiental

Setor RH Norte, A/E, Galpão A,

Parte N-116, Setor de Inflamáveis  
9157-5999 / 9248-6050 / 8485-1361

#### Recicla Brasília – Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis do DF

Setor de Mansões Isoladas Norte, lote 28  
8435-2439 / 8485-2571

### BRAZLÂNDIA

#### Acobraz – Associação dos Catadores e Recicladores de Resíduos Sólidos de Brazlândia

Qd. 37, conj. A, lote 4  
8606-8135 / 3479-1630

### CEILÂNDIA

#### Aporb – Associação Pré-Cooperativista da Ceilândia

QNP 28, A/E  
3378-6125 / 9122-9173 / 9155-9148

#### Associação Recicle a Vida

Q. 2, lote 25/30, Setor de Indústria  
7811-1464 / 3373-1810

#### Cataguar – Associação dos Catadores do Guará

QNR 3, conj. F, c. 33, Ceilândia Norte  
9229-6594 / 8485-2595 / 3585-7742

### ESTRUTURAL

#### Ambiente – Associação dos Ambientalistas da Vila Estrutural

Q. 16, nº 2652  
9922-0705 / 9605-8734

#### Coopere

Q. 15, conj. B, lote 30 – 8593-8796

#### Coopernoos – Cooperativa de Materiais Recicláveis Nova Esperança

Q. 13, conj. B, c. 10  
8493-8518 / 8485-1367 / 8154-1768



Resíduos inorgânicos: estorvo em casa ou no escritório vira fonte de renda se receber a destinação correta

CU

**Coorace – Cooperativa de Reciclagem Ambiental da Cidade Estrutural**

Q.16, conj. G, c. 2638B  
8142-0067 / 8485-1366

**Cortrap – Cooperativa de Produtores e Trabalho de Reciclagem**

SAI – Q. 9, conj. I, lote 2  
9652-7783 / 3363-8165 / 9681-7624

**Plasferro – Cooperativa de Reciclagem Ambiental**

Q. 16, conj. C, c. 67  
3225-1995

GAMA

**Cooperfenix – Cooperativa de Coleta Seletiva Reciclável com Formação de Educação Ambiental**

QI 5, lote 420/460,  
Setor Leste Industrial  
8510-4177 / 3272-7154

PLANALTINA

**Coaestp – Cooperativa das Trabalhadoras Autônomas de Planaltina**

Q. 8, conj. I, lote 3, área central  
Arapoangas – 3489-5533 / 9260-9340

**Fundamental – Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis com Formação e Educação Ambiental**

Q. 26, conj. J, lote 5  
Setor Residencial Leste,  
Burity IV  
8580-4437 / 8623-6368

**Planalto Cooperativa Ambiental**

Mestre D'Armas, md. lote 17  
8507-1338 / 8577-7812

RECANTO DAS EMAS

**Superação – Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis do Recanto das Emas**

Q. 402, conj. 2, lote 22, PRO-DF/ADE  
9959-2068

RIACHO FUNDO

**Cooperativa 100 Dimensão**

QN 8 s/n, cj 7, lote 17 – 3434-2123

RIACHO FUNDO II

**Ageplan - Associação dos Agentes Ecológicos da Vila Planalto**

Q. 12, conj. 8, lote 6 – 8170-5587 / 3465-7011

SANTA MARIA

**Astradasm – Associação dos Trabalhadores e Recicladores Desenvolvimento Agrícola de Santa Maria**

Núcleo Rural Alagado, ch. 6  
8500-8798

VILA PLANALTO

**Acoplano – Associação dos Catadores de Papeis do Plano Piloto**

Avenida Pacheco Fernandes, c. 19  
8588-8268

*A maior riqueza do homem  
é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como  
sou – eu não aceito.  
Não aguento ser apenas um  
sujeito que abre  
portas, que puxa válvulas,  
que olha o relógio, que  
compra pão às 6 horas da tarde,  
que vai lá fora,  
que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.  
Perdoai  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem  
usando borboletas.*

*Manoel de Barros*

Do alto dos seus 95 anos, o poeta Manoel de Barros ensina que o ser humano é incompleto, e que isso não é defeito; é qualidade. Assim como ele, muitas outras pessoas precisam ser Outras. E são. Esta coluna publicará mensalmente histórias de gente que concilia o serviço público com as mais diversas atividades. São atletas, chefes de cozinha, professores, pintores, mágicos, mecânicos, músicos... A lista não tem fim.

# Entre processos e panelas

## Thais Assunção

“ Fazemos uma espécie de *comfortfood*, uma linha gastronômica afetiva”, explica Gelson de Souza Leite, proprietário do restaurante Panelinha e técnico judiciário do TJDF. Ele abriu o lugar há dois anos em parceria com irmã e o primo, mas conta que apreciar e oferecer uma boa comida é um hábito de sua família baiana: “Eu sempre gostei de preparar a minha casa para receber os amigos, com uma comida gostosa e um ambiente acolhedor. Eu adoro!”

Gelson se define como empreendedor: gosta de ter ideias e colocá-las em prática. “Acho que sem esse espírito eu não conseguiria montar um negócio. Falo rápido para não perder a linha de pensamento e poder desenvolver minhas ideias”, conta, sorrindo, em meio ao bucólico e caprichado cenário do Panelinha, no jardim entre o comércio e a quadra residencial 316 norte.

A ideia dos sócios era montar o restaurante como uma extensão de suas residências e receber os clientes como se fossem amigos. “Nós seguimos o conceito de bistrô, procuramos criar um lugar acolhedor. Fizemos uma ambientação para traduzir nossos sentimentos e valores”, explica o empresário. “Acho que, com isso, a sensação de bem-estar flui naturalmente. Tratamos todos com calor humano”, completa.

Além de homenagear a comida nordestina, o cardápio do Panelinha contempla outras regiões brasileiras e ainda de outros países. Mas, segundo Gelson, o tempero principal é o amor pelo trabalho. “Se não tivesse uma motivação forte eu não abriria um restaurante. Acho que

a motivação está na paixão, isso faz a diferença. Eu consigo sair do trabalho, chegar aqui à noite e estar bem disposto, porque sou realizado aqui e lá no tribunal. Aliás, agradeço a Deus por trabalhar em dois lugares onde me realizo”, afirma.

Gelson faz parte da Rede Solidária Anjos do Amanhã, na Vara da Infância e Juventude. “Sou louco pelo que faço, tenho muito orgulho da Rede, porque ela é pioneira em atividades sociais no tribunal. É um exemplo de justiça preventiva, proativa, faz a diferença na vida de muitos jovens”, avalia o técnico. E continua: “Lá nós trabalhamos muito. Mesmo aqui, no restaurante, tenho sempre em mente os Anjos do Amanhã. Cada cliente pode ser um parceiro, dar uma palestra para gerar recursos... Nossa demanda é muito grande e temos que estar sempre atentos.”

O restaurante também é palco para outras ações. “Nas terças-feiras temos um projeto social chamado Confraria do Bem. Nesse dia, parte da renda é destinada a uma ONG. E temos o Clube da Cozinha, quando o cliente executa um prato e se torna o chefe da vez”, conta o hiperativo Gelson. Como se não bastassem tantas atividades, ele acaba de lançar também a revista Logos3 – Ética e Empreendimento Social. Na pauta estão as “questões ligadas aos principais setores da sociedade: governo, empresas e entidades não governamentais”, explica.

Gelson se define como um homem realizado: “As três frentes em que trabalho (o restaurante, o TJDF e a revista) são uma forma de me colocar à disposição das pessoas. Acho que o trabalho é um meio de autorrealização, é prazeroso. Sou um servidor feliz”, conclui.



Gelson em seu restaurante: "O trabalho é um meio de autorrealização, é prazeroso"

# JUSTIÇA

para os servidores do Judiciário e MPU

Aprovação dos PLs 6613 e 6697

# JÁ!

 **Sindjus**